

Zamba

(Uma aula de história.)

PROFESSOR - Como eu ia dizendo a Babilônia não tinha passado história quando o ano 2105 A.C., Amorreu Sumuabum ali fundou uma dinastia...

PITA - Perdão, profe! Pode repetir o nome do homem?

PROFESSOR (Perturbado) - Que homem, que homem, srta. Pita? Falei em algum homem aqui?

PITA - Bem... Se o tal de Amorreu não era homem, isto o senhor não esclareceu...

PROFESSOR - Ora, ora, senhorita! Então está se referindo ao fundador da Babilônia? Está, por acaso, suspeitando da sua masculinidade?

APOLO - Bem, acho que compreendo o problema da colega Pita, professor. Acontece que o senhor mencionou que o sobrenome do Amorreu era Sumuabunda, correto?

PROFESSOR - Caro aluno, respeito! Há uma notável diferença entre Sumuabum e Sumuabunda!

PITA - Ai, que horror! Sumanta na bunda! Sádico ele, não?

PROFESSOR - Srta. Pita! (Fala como se soasse Senhorita Apita!)

PITA - Ai, desculpa, profe. Mas hoje, infelizmente, esqueci o apito!

PROFESSOR - Meu Deus! Por Demo! Eles querem me enlouquecer! (Tentando manter a calma) - Srta. Pita, Sr. Apito...

APOLO - Perdão, professor, é Apolo.

PROFESSOR - Ah... Sim... Sr. Apolo, Srta. Pita, peço, com todo o respeito que ainda possa ter por vocês, que me deixem (grita) **PROSSEGUIR A AULA!!!**

APOLO E PITA - Mantenha a calma, professor... (Fazem sinal de dinheiro) A calma!

PROFESSOR - Sim, sim... A calma. A calma... Mas então, como eu ia dizendo o Amorreu Sumuabum fundou uma dinastia, cujo sexto rei, Hamurabi, realizou a unidade de Sumer e de Acad num império centralizado. A partir deste momento e até o tempo dos Seleucidas, a Babilônia foi uma das mais importantes cidades do Oriente.

(Os alunos estão entediados. Apolo tira do bolso um chocolate e oferece à Pita.)

PROFESSOR - Pelos poderes de Greiskor, ou melhor, pelos poderes de Sumuabum! O que é que vocês estão comendo?!

APOLO - É o novo chocolate caramelizado com flocos crocantes da Babilônia, professor!

PROFESSOR (Se interessa) - Da Babilônia, Apolo? Hum... Deixe me ver... Hum... Sabe, tem a cor de Nabucodossor II, sim, o gosto deve provir da linhagem mais ilustre, o rei Nabupolassar II, o fundador da chamada novi-babilônica.... Sim, o sabor é realmente bom.

PITA - Ora, profe, deixa de frescura... Este é o chocolate caseiro de Gramalho!

APOLO - Gramalho?! Uma junção de grama com caralho?(Ri) Demais, Pita, demais... É afrodisíaco?

PITA - Não, meu caro colega. Não é afrodisíaco... É apenas anti-gripal...

PROFESSOR - Anti-gripal?

PITA - Sim. Porque Gramalho é uma junção de grama com alho. E o senhor sabe, a minha avózinha, que Deus à tenha, sempre falava que o alho era o melhor remédio caseiro para gripe. Que tomando uma gemada, um pouco de mel, espremendo um limão...

e picando, mas picando bem, tem que picar no mínimo umas três vezes. Pica, pica, pica, cinco dentes de alho, a gripe se ia embora....

PROFESSOR (Cortando) - Sim, sim, srta, já compreendi tudo. Mas, professor não é entusiasmado com as picas, (encabula), quero dizer com o alho, afinal isto aqui é uma aula de história e não de medicina. E como estamos estudando a história da Babilônia, devo esclarecer que no século XIV, Assur-Ubalit de Assíria, um dos principais vassallos declarou-se independente.

APOLO - Perdão, mas eu gostaria de saber se há alguma ligação entre os vassallos e os devassos?

PITA - (Canta) "Sou devassa... Sou devassa!"

APOLO E PROFESSOR - É mesmo?...

PITA (Interrompendo-se) - Não, não. É que eu viajei ao centro da terra...

OS DOIS - Hum...

PROFESSOR - Mas, meu caro Apolo, sinceramente, não há nenhuma ligação entre os vassallos e os devassos, caso contrário a srta. Pita não viajaria ao centro da terra, mas sim à Babilônia... (Volta ao tom professoral) - Em 729, Teglá-Palassu III, anexou a Babilônia à Assíria. Senaqueribe restabeleceu a dominação da Assíria...

PITA - Ai, pelos Deuses! Por Apolo! Não dá prá dar uma trocadinha de assunto, não é?

PROFESSOR - A aluna, por acaso, está sugerindo que minha aula não lhe é agradável?

PITA - Agradável? Bem... Não é bem este termo que eu empregaria, professor... Agradável combina com prazer, com adorável e esta aula, com o perdão da palavra, está um SACO!!!

PROFESSOR - Srta. Pita! Que termos são estes, tão vulgares, tão... obscenos!

APOLO - Táí professor, fale-nos do Império das Obscenidades, e sua aula brilha nos olhos e endurecerá... nossos... bem... nossos, ah, deixa prá lá.

PITA - Existiu o Império das Obscenidades, Apolo?

APOLO - Bem, segundo Bocaccio, em seu livro Decameron... Ah, se existiu eu não sei, mas na zona baixa de Benguela, na Angola, existiu o povo da raça dos bundos.

PROFESSOR - Bravo, aluno Apolo, bravo! Vejo que sua concentração em minhas aulas é notável!

APOLO - Ora, professor, sobre os bundos e as bundas já desvendei muitos mistérios.

PROFESSOR - Que bundas, Apolo, que bundas?

APOLO - Ora, professor, a da Ana, a da Rita, a da Martinha, a da Sueli... (Em tom de brincadeira) da nome que ele falar deverá representar com gestos a forma bundal das moças.

PROFESSOR - A da Sueli também, Apolo? A Sueli, aquela morena da padaria?

APOLO - E que padaria, professor!

PROFESSOR - Não, não! Você não tinha o direito de desvendar o mistério da Sueli (Se desespera) Não, a Sueli, não!

PITA - Ei, não dá prá falar em outra bunda que não seja a da Sueli, ein?

APOLO - Bem, Pita, eu posso fazer uma análise profunda da sua...

PITA - (Dá um tapa) - Atrevido! Como ousa!



PROFESSOR - É melhor esquecermos dos bundos e voltarmos à nossa aula de Babilônia.

APOLO - Ô, professor, pelo menos chega logo na parte dos Jardins Suspensos.

PROFESSOR - Ainda não, Apolo. É necessário antes dizer que Asaradão dividiu o império entre Assurbanipal...

PITA - Asaradão, profe? Quer dizer que o azar já existia no século XIV? Puxa, eu que pensava que o azar tinha nascido em 1960!

PROFESSOR - Asaradão era o nome do imperador, senhorita. Mas, posso saber, já que a srta. relacionou o Asaradão com o azar, por que julga que o azar tenha nascido em 1960?

PITA - Simples! É o ano do meu nascimento...

APOLO - Você se considera uma pessoa azarada, Pita?

PITA - Demais, Apolo, demais. Tenho tanto azar na vida que até hoje nunca acertei num sorteio, num terno, num jogo de bicho, nada, nada! A única coisa que cheguei foi um bolo no primário, através de sorteio.

APOLO - Ué, mas então, já teve uma sorte na vida!

PITA - Que sorte, o quê, Apolo? Depois que eu ganhei o bolo, a professora disse que eu deveria dividi-lo com meus colegas... (Chora)

PROFESSOR - Calma, moça, calma. Ora, afinal dividir o pão com alguém é um gesto nobre... Veja a Campanha da Fraternidade...

PITA - O gesto até poderia ser nobre, professor. Mas na pobreza que eu vivia, eu poderia dividir o bolo com mamãe, papai, meus nove irmãoszinhos coitadinhos, nunca tinham comido um pedaço de bolo... (Chora)

APOLO - Ei, Pita, não fica assim não. Afinal, hoje você é uma garota bem sucedida, bem nutrida, aliás muito bem nutrida...

PROFESSOR - Sim, sim, o aluno Apolo tem toda a razão, não há mais necessidade de lágrimas, acabou-se a tristeza, acabou-se a pobreza... Tudo é Festa! Tudo é alegria!

PITA - Ih, liberou total agora...

APOLO E PROFESSOR (Cantam) "Ai barracão, pendurado no morro..."

PITA - Querem parar com esta histeria? (Os dois continuam cantando e dançando, porém, sem som. Pita vira-se para a platéia) - Este, senhoras e senhores, é o ensino nacional. Realmente aqui tudo acaba em samba... (Os dois voltam a cantar com som.) - Mas será que não dá prá parar com a galinhagem, ein?

PROFESSOR - Galinhas? Alguém aqui falou em galinhas? Por Demo! Isto aqui é uma aula de história!

APOLO - Nas poderiam existir galinhas na Babilônia, não?

PROFESSOR - Galinhas? Sim, haviam muitas galinhas. A rainha Sem... A princesa Alon... A...

APOLO - Ela também?

PROFESSOR - Também o quê, Apolo?

APOLO - Ah, deixa de falso moralismo, professor. O senhor sabe... galinhas...

PROFESSOR - Sr. Apolo! Eu não vou admitir que minha aula se transforme num palheiro, num vil galinheiro!



PITA - Não dá mesmo prá trocar de assunto, ein?

PROFESSOR - Sim, sim, vamos voltar à Babilônia...

PITA - Ai, Meu Deus! Vamos fazer o seguinte: Eu dou o resumo da história e a gente troca de assunto: Senaqueribe restabeleceu a dominação da Assíria e Asaradão dividiu seu império entre Assurbanipal, a quem atribuiu a Assíria, e Shamash-Shumukin de quem ele fez rei da Babilônia. (Ela deve ir falando isto rapidamente, o mais rápido que puder, como se a história ficasse ininteligível. Enquanto ela vai falando o professor toma o seu lugar, como aluno, e Pita assume o lugar do professor. Apolo e Professor devem ficar boquiabertos a princípio.) - A revolta de Shamash-Shumukin contra seu irmão terminou pela sua morte voluntária no incêndio do seu palácio. Quando desapareceu Assurbanipal... (Pita cala-se, observando os alunos, que nestas alturas devem estar dormindo.) (Para platéia) - É ~~xxxx~~ exatamente por isso, brasileiras e brasileiros, que uma aula sobre a Babilônia acaba por tornar-se entediante! (Vai até o professor) - Entediante, sr. professor, entediante!

PROFESSOR (Acordando) - Tédio? Tédio! Maldito seja o tédio! Srta. Pita, acaba por me convencer. Pois bem, troquemos de assunto.

APOLO - E o que aprenderemos, senhor? Algo sobre a política nacional, como por exemplo um estudo detalhado sobre o Plano Cruzado II?

PITA - Entediante! Entediante!

PROFESSOR - Acontece, aluno Apolo, que não podemos pular ao Plano Cruzado II, sem termos estudado o Plano Cruzado I.

APOLO - Mas a bobagem foi a mesma, professor.

PROFESSOR - Sim, sim... a bobagem... (Olha para os lados. Ar suspeito) - Meu Deus, mas o que está dizendo eu? (Disfarça) - Realmente tudo é uma bobagem, quer dizer, tudo é uma miragem... (Discursa) - Estamos num deserto. Podemos dizer até que seja o do Saara, e de repente, em nosso estado febril, enxergamos um oásis, um poço! E quando, finalmente despertamos, estamos é no "fundo do poço".

PITA - No fundo do poço?

APOLO - No fundo do poço!

OS TRÊS - (Em tom de desânimo) - No fundo do poço...

PITA - Oh, Meu Deus, então o senhor está dizendo que morreremos dentro de um poço, sem ao menos, termos tomado um copo d'água?

PROFESSOR (Em tom fúnebre) - Infelizmente, srta. Pita. Esta é a dura realidade. (Pausa) - Do deserto, naturalmente.

APOLO - Bela aula, professor! Viajamos da Babilônia num piscar de olhos até o deserto do Saara...

PITA (Canta) "Atravessamos o deserto da Saara, o sol estava quente e queimou a nossa cara..."

OS TRÊS (Cantam) - "Aia, la, ô?, ô,ô..." Mas que calor, ô,ô,ô!!!

(Param de cantar, derrepente) - Será que além de morreremos de sede, morreremos sufocados também?

PROFESSOR - (Se abandonando) - Puxa, mas está quente aqui!



APOLO (Limpendo o suor) - Mas que calor filho da puta!

PITA (Passando mal) - Ai, mas eu ainda não estou na menopausa!

PROFESSOR - Vamos ligar o ventilador para refrescar nossas cabeças... Mas, vamos ao que interessa. À nossa aula de história. Pergunto: Querem voltar à Babilônia ainda hoje ou preferem dar um pulinho à Inglaterra? Podemos dar uma passadinha pela vida de William...

APOLO - William?

PROFESSOR - Sim, o maior poeta dramático da Inglaterra! William Shakespeare! Autor de um grande número de tragédias e comédia, consideradas quase todas como obras primas: Romeu e Julieta, Hamlet, Otelo, o Rei Lear, Julio Cesar (pausa), Muito barulho por nada...

PITA - Muito barulho por nada? Por que diz isso, professor?

PROFESSOR - Ora, não seja engraçadinha: "Muito barulho por nada" é uma das suas obras!

APOLO - Acabo de ter uma idéia, professor: Vamos dinamizar esta aula com a eloquência e a emoção de Shakespeare! Vamos interpretar um trecho de sua obra: Hamlet.

PITA - Chi! Já vi tudo! ~~Exta~~ Protesto, sr. professor! Se o meu caro colega quer interpretar "Hamlet", é porque quer ser o centro das atenções. Sugiro então, outra obra, algo no Macbeth, onde eu possa exprimir minhas emoções na carne de Lady Macbeth, ou quem sabe, onde eu possa me derramar em lágrimas, ao descobrir que o meu Romeu (interpreta), (Romeu! O que vejo aqui? Um copo bem fechado na mão de meu amor? Certo: Veneno foi seu fim prematuro. Oh! Que sovina! Bebeste tudo, sem que me deixasses uma gota amiga, para alívio. Vou beijar esses lábios; é possível que algum veneno ainda se ache neles, para me dar alento e dar a morte. (Beija Apolo. Este fica com os olhos arregalados. Surpreso) . Teus lábios estão quentes (Olha para Apolo que está apavorado). Ô, desgraçado! Finge que tá morto!

PROFESSOR - É um canastrão, mesmo!

PITA - Morre infeliz! Não vê que tá chegando a hora do punhal?

APOLO - Morrer? (Incorpora Hamlet) - Morrer... dormir... talvez sonhar! E é aí que bate o ponto! O não sabermos que sonhos poderá trazer o sono da morte, quando alfin desenrolarmos toda a meada mortal, nos põe suspensos. É essa idéia que torna verdadeira calamidade a vida assim tão longa!

PROFESSOR - Se a vida tá longa, morre de uma vez! (Sacode Apolo até fazer com ele finja-se de morto. A partir daí, o professor incorpora o personagem Lúcio de "Tito Andrônico") - Agora o imperador alguns amigos daqui removam, para sepultá-lo no túmulo de seus antepassados. Meu pai e minha irmã depositados vão ser na sepultura da família (Vira-se p/Pita e a esguela, para que ela finja-se de morta). - Agora quanto a essa odiosa tigre, essa Tamora, não terá ritos fúnebres, nem prantos, nem dobre melancólico de sinos, por ocasião do enterro. Não; jogai-a para pasto das feras e das aves!

PITA (Levantando-se) - O senhor não acha que está indo longe demais, professor?

PROFESSOR - Ora, ora, cortou o meu barato. É assim o final da história de "Tito Andrônico". Este é o discurso de Lúcio, o filho do próprio!



APOLO - Filho de quem?

PROFESSOR - De Tito Andrônico, o general romano!.

PITA - Ih! Vamos parar! O professor embolou o meio de campo!

PROFESSOR - Como assim? Por acaso estamos representando um jogo de futebol?

PITA - Ah, deixa prá lá.

PROFESSOR - Bem, bem, já que os meus caríssimos alunos, a julgar pela fisionomia de ambos (Devem Pita e Apolo estarem entediados), estão um tanto abatidos, eu sugiro, na minha experiência professoral, que troquemos de assunto. Vamos passar à página da Independência do Brasil.

APOLO - É bom mesmo.

PROFESSOR - Bom, o quê?

APOLO - Virar a página!

PROFESSOR - Sr. Apolo, eu não falei "virar a página", mas sim "passar à página". Note que eu coloquei uma crase no À.

PITA - (Canta) "Marco extraordinário, sesquicentênario da independência
Potência de amor e paz, este Brasil faz coisas que ninguém
imagina que faz".

APOLO - Realmente, Pita. Ninguém imagina...

PROFESSOR (Repressor) - Está, proventura, insinuando alguma coisa, aluno?

APOLO (Com desleixo) - Nããã!...

PROFESSOR - Estará, ~~xxx~~ por acaso, tentando dizer, sutilmente, que o Brasil, nossa Pátria amada, não corresponde aos nossos ideais?

APOLO - Nããã!...

PROFESSOR - Porque se estivesse insinuando coisas...

APOLO - Hi, qual é professor! A censura acabou!

PITA - Acabou? (Bem feliz) - É mesmo, Apolo? Mas que maravilha, eu não sabia!

PROFESSOR - Pois é, srta. Pita, acabou.

APOLO - Acabou.

PITA - Acabou.

PROFESSOR - Pois então, vamos prosseguir. E não quero saber (Censurando) de nenhuma gracinha neste recinto. Nem um pio. Nem um comentário maldoso. Não quero saber de interferências, não quero saber de sugestões, não quero saber de mais nada! Quem manda aqui agora sou eu! E quem me contrariar vai parar no pelourinho!

APOLO - Mas pelo que eu saiba, professor, a escravidão deveria ter acabado em 13 de maio de 1888!

PITA - Sim. A bela Aurea assinou a Lei Isabel. Com lápis, diga-se de passagem.

APOLO - Não dá furo, Pita. É por isso que o povo brasileiro acaba sendo desrespeitado. Vive trocando as bolas! Quem assinou a Lei foi a Princesa Isabel e o nome da Lei é que era Aurea.

PROFESSOR - Sim, a Lei Aurea. Mas aboliu somente os escravos negros. Já que escravos brancos não existiam.

APOLO - Não existiam? Mas que beleza! Quer dizer então, que somente nos dias de hoje é que os escravos brancos resolveram aparecer?

PROFESSOR - Não seja petulante, Apolo!

PITA

PITA (Canta) - Iê, iê, iê, iê! Índio quer apito...

PROFESSOR - Sim, os índios também tiveram o seu período de escravidão, mas os brancos nunca!

APOLO - Nunca?

PITA - Nunquinha?

APOLO - Tem certeza, professor?

PROFESSOR - Ora, mas que atrevimento! É só usar o raciocínio, Apolo! Se entre os meus antepassados, os seus, os da srta. Pita, nunca houveram escravos, é natural que...

APOLO - Tudo bem, tudo bem. Eu sabia... Ia sobrar pro negrão!

PROFESSOR - Mas não estamos falando sobre a Abolição da Escravatura! Estávamos na Babilônia, depois passamos pelo Saara, viajamos a Inglaterra e por fim, viemos cair no Brasil.

PITA - É. E é justamente aí que mora o problema...

PROFESSOR - Qual é, Pita?

PITA - Pense comigo, professor. Volto a falar do maldito azar (bate na madeira). Se eu tivesse nascido na Inglaterra, poderia ser poetisa com muito mais facilidade. Ou então, se eu nascesse nos Estados Unidos, estaria a um passo da Broadway. Ou então, sejamos mais humildes, se eu tivesse nascido em Cuba, teria ao menos um bolo de aniversário na minha pobreza infantil. Mas não. Tive que nascer em Agudô...

APOLO - Agudô?

PITA - É. O cú do mundo do RGS.

APOLO - Puxa! E eu que nem sabia que o mundo tinha cú.

PROFESSOR - Peço respeito em minhas aulas! Não quero mais saber de ouvir palavrões aqui.

APOLO - Por que, o senhor é contra?

PROFESSOR - Mas é natural...

APOLO - Sim, concordo. São naturais os palavrões! Aliás deveriam ser incluídos no dicionário nacional. Seria bem mais simples. Ninguém ia ter que ficar escolhendo palavras prá mandar um cara tomar no cú.

APOLO - Apolo! Retire o que disse ou retire-se!

APOLO (Sinal de grana) - Mantenha a calma, professor, a calma...

PROFESSOR (Se controlando) - Ai, maldita calma!!! Mas, se me permitem trocar de assunto mais uma vez...

PITA - Por mim tudo bem. O ensino não é consistente mesmo...

PROFESSOR - Mas, aluna Pita! Se eu disserto sobre vários temas é porque os meus estudiosos alunos não se prendem à nenhum!

APOLO - O problema é que se prender à seus assuntos é uma tarefa por demais maçante!

PROFESSOR - Por Demo! Se eu não precisasse deste maldito dinheiro destas ~~xxx~~ amaldiçoadas aulas particulares eu lhe rogaria uma maldição, Apolo!

PITA - Tal como ~~Rixaxkkkxragaxk~~ Monterone rogou à Rigoletto?

PROFESSOR - Não seja tão ~~xxxx~~ perspicaz, srta.

APOLO - Mas o senhor estava decidido à trocar de assunto, professor. Então, mãos





à obra.

PROFESSOR - Pois bem, vou tentar esquecer as mágoas e prosseguir. Tenho boa memória, a aluna Pita, se referiu anteriormente ao ano de 1960, correto?

PITA - Correto. O ano do meu nascimento.

PROFESSOR - E se estou bem lembrado, também supôs que o ano de 1960, teria sido o ano do azar, certo?

PITA - Certo.

PROFESSOR - Mas a senhorita está profundamente equivocada. Há um fato histórico por demais marcante neste ano: A construção de Brasília.

PITA - Chi... Agora sim. Prometo a mim mesma que nunca mais aposto no 60.

PROFESSOR - Vou ignorar o seu comentário, srta. Pois bem, a 21 de abril de 1960, a Capital do Brasil foi transferida para o centro geográfico do país, executando-se um plano existente desde 1891. Situada no planalto central, sua construção obedeceu a um planejamento dos mais arrojados do mundo, que a converteu em uma atração turística.

APOLO - Há macacos lá, professor?

PROFESSOR - Macacos me mordam se eu tolerar mais uma interferência! (Prossegue) O plano urbanístico foi traçado por Lúcia Costa, e a concepção arquitetônica é obra de Oscar Niemeyer.

PITA - Impressionante!

PROFESSOR - Centro de um vasto sistema de comunicações terrestres e aéreas, está ligada aos principais pontos do país. A estrada Belém-Brasília representa uma vitória do homem contra a natureza.

APOLO - Uma vitória do homem contra a natureza? Mas o que é isso? É uma brincadeira?

PITA - Pode haver algo mais revoltante do que uma vitória do homem contra a natureza?

PROFESSOR (Sem jeito) - Ora, ora, o progresso é algo que...

APOLO - O progresso! Odioso seja o progresso.

PITA - Brasília, uma das mais arrojadas construções do mundo! ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ E no entanto, é neste arrojo que vivem os mais intrigantes cidadãos brasileiros.

APOLO - Do que nos serve uma construção?

PITA - Se a construção do Brasil é falha, sem estrutura, cujas pilastras estão cambaleantes por culpa do poder.

PROFESSOR - Acalmem-se, acalmem-se!

PITA - Impossível, professor. Minha revolta começou a comichar...

PROFESSOR - Mas então é uma questão de estudar o comportamento humano e ~~XXXXXXXX~~ não ~~XXXXXXXXXXXX~~ de maltratar um pobre professor...

APOLO - Pois bem, estudemos o ser humano, então.

PROFESSOR - Mas é que... volto a insistir que isto é uma aula de história!

PITA - Mas, professor! Não é próprio homem que faz a história?

PROFESSOR (Convencido) - Estudemos então, o comportamento do bicho-homem.

(Professor prossegue) - O bicho-homem é um animal racional.

APOLO - Destrói as matas.

PITA - Polui o rio.

APOLO - Polui o mar.

PITA - Polui o ar.

PROFESSOR - O homem tem direito ao poder.

APOLO - E o poder sobe à sua cabeça.

PITA - E envenena sua mente.

APOLO - Com o poder nas mãos, faz do próprio homem, seu semelhante, o seu escravo.

PITA - Será que há alguma excessão?

PROFESSOR - O homem necessita dos vegetais e animais para sua alimentação.

APOLO - Destrói o alimento com o abuso dos agrotóxicos.

PITA - E se detrói.

PROFESSOR - O homem é um guerreiro.

APOLO - Se mata com a própria arma.

PITA - E mata o seu companheiro com a mesma mão que um dia lhe deu um afago.

PROFESSOR - O homem vive em sociedade.

APOLO - Sociedade que impõe o caráter do homem.

PITA - Sociedade que nega a penetração do braço mais fraco.

APOLO - ~~Apax~~ Sociedade que não divide. Nem mesmo o que não tem.

PROFESSOR - O homem é o único animal que ri.

PITA - E é rindo que ele mostra o animal que é.

